

# O CONCEITO DO QUILOMBO E A LUTA DA MULHER NEGRA SOB O OLHAR DA ESCRITORA NEGRA BEATRIZ NASCIMENTO

Patrícia Batista dos Santos<sup>1</sup>

*Resumo:* Podemos considerar o quilombo como um símbolo de resistência e representação para o povo negro desde o regime escravocrata até os dias atuais. Na presente pesquisa, objetiva-se mostrar, por meio da obra *Beatriz Nascimento intelectual e quilombola. Possibilidades nos dias de destruição*, que reúne vários trabalhos da escritora Beatriz Nascimento (2018), o conceito e a importância do quilombo no Brasil. Além disso, trata-se de reconhecer que as mulheres negras também foram protagonistas da luta e não meros sujeitos passivos; que a atuação dessas mulheres nos quilombos e na luta antirracista e antissexista igualmente foi crucial. A referida obra reúne trabalhos da intelectual negra e militante, que é considerada uma das pioneiras dos movimentos negros e no combate à desigualdade racial, especialmente da vida da mulher negra. Utilizaremos para andamento da pesquisa a bibliografia de algumas intelectuais negras conhecidas e reconhecidas por seu trabalho na luta feminista negra, tais como: hooks (1995), Davis (2016), Gonzalez (1983).

*Palavras-Chave:* Quilombo. Intelectualidade. Mulher negra.

## INTRODUÇÃO

Maria Beatriz do Nascimento nasceu em Aracaju, Sergipe em 1942. Filha de dona de casa e pedreiro, migrou para o Rio de Janeiro com seus nove irmãos na década de 1950. A história de Beatriz não é diferente da de muitas meninas negras que sofreram racismo e sexismo na infância. A sala de aula, por exemplo, era um lugar onde Beatriz se sentia incomodada por haver poucas crianças negras como ela.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Bolsista CAPES. Orientador: Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel. Endereço eletrônico: patryciapires822@gmail.com.

Com respeito a esse quadro de racismo e discriminação de gênero pelo qual muitas garotas negras passaram durante a infância e adolescência, Batista (2016, p. 27), nos traz um episódio que aconteceu com Beatriz Nascimento e sua colega de classe Jurema:

Houve momentos em que a discriminação ocorreu no ambiente escolar, como aconteceu a Jurema quando foi levada para frente da sala, na aula de catecismo, para ser comparada com a representação do anjo mau, enquanto uma menina branca era igualada ao anjo bom; ou quando o trabalho de ambas foi recusado para exposição anual na classe por falta de capricho; ou ainda, quando Beatriz Nascimento foi rejeitada como guarda de honra da bandeira — privilégio concedido a quem alcançava o primeiro lugar no desempenho da turma — porque não tinha roupas decentes, mesmo que a turma usasse uniforme.

A experiência que Beatriz e sua colega Jurema passaram aponta para o problema do racismo no ambiente escolar, que desencadeia um outro problema: o abandono escolar entre os negros. Sobre isto Batista (2016, p. 28) pontua: “[...] Jurema abandonou a escola e, segundo relato de Beatriz Nascimento, tudo indica que ela foi mais uma a engrossar as estatísticas de crianças que não seguem a trajetória escolar — percurso esse que supostamente transformaria a sua situação social”. Uma das consequências de universidades brasileiras terem poucos negros — embora isso tenha mudado de alguns anos pra cá — está no abandono da escola por muitos jovens negros. Dentre os muitos motivos desse abandono, um deles vem de longe: é a falta de políticas públicas para os ex-escravizados serem inseridos na sociedade brasileira.

## **1 A TRAJETÓRIA DE UMA HISTORIADORA, PESQUISADORA, PROFESSORA E MILITANTE**

Beatriz iniciou a graduação em História no ano de 1967, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Após o término da graduação, fez especialização pela Universidade Federal Fluminense e depois iniciou o mestrado na mesma universidade, não chegando,

contudo, a terminar a pós-graduação. O incentivo para querer pesquisar sobre o negro, iniciando pela historiografia do quilombo, foi ela perceber que a maioria das pesquisas sobre o negro não era contada pelos próprios negros.

Em Nascimento (2018, p. 128), vamos encontrar o seguinte esclarecimento:

[...] O meu choque basicamente foi simples, eu estou falando numa linguagem bem simples, foi o seguinte: lendo o *Quilombo de Palmares*, a gente vê toda a atuação dos negros e principalmente de Zumbi, e, de repente, embaixo na ilustração, eu via Domingos Jorge Velho, isso foi um dos grandes dramas da minha vida, sempre ver isso.

Domingos Jorge Velho foi um bandeirante. Ele era famoso por castigar indígenas e escravizados para atender à ambição dos senhores de terras. Domingos também ficou conhecido por ter destruído o Quilombo dos Palmares. E o que desagradava Beatriz era o fato da história do negro ser sempre representada por um homem branco, de o próprio negro quase nunca ser o protagonista de sua própria história. Seu incômodo se intensificou quando ela estava na universidade, e desde criança já havia um desconforto em relação à atuação do negro na história do Brasil. É por isso que ela decide (NASCIMENTO, 2018, p. 128): [...] “eu resolvi estudar o quilombo e ver que dentro de toda História do Brasil, dentro de todo o período colonial, o negro conseguiu viver dentro de comunidades que eram aquelas que o opressor tinha determinado para eles”. Como negra, Beatriz percebia que sua história não estava sendo contada como ela tinha sido de fato.

A historiadora passou trinta anos se dedicando aos estudos, às pesquisas e distintas produções. Durante esse tempo ela foi pesquisadora da Fundação Getúlio Vargas; participou do Movimento Negro do Rio de Janeiro em 1974; em razão de suas pesquisas fez algumas viagens, dentre elas, para países da África, como Angola, em 1979, e o Senegal na década de 1980; trabalhou como professora de História da rede de Ensino Público

do Rio de Janeiro. Parte de seu mais famoso trabalho, o documentário *Ôrí* (1989), foi narrado por ela, e grande parte dos seus textos serviu como base para a execução. Beatriz volta à Universidade Federal do Rio de Janeiro, no ano de 1992, para cursar o mestrado em Comunicação Social sob a orientação de Muniz Sodré.

Desde o período republicano que começou em 1889, os negros organizaram um movimento social, esse movimento ficou conhecido como Movimento Negro, por o negro lutar por sua inserção social e combater o racismo na sociedade brasileira. Segundo Petrônio Domingues (2007), o Movimento Negro no Brasil surgiu como uma oposição dos negros a todo tipo de marginalização a que eles estavam sujeitos e com o objetivo de tornar a sociedade mais inclusiva para o povo preto, sem as discriminações raciais que tanto sofriam e ainda sofrem no mercado de trabalho, na educação, no social, na política e na cultura.

O autor destaca que o movimento negro passou por três fases. A primeira fase foi de 1889 a 1937: “da Primeira República ao Estado Novo”. Com o fim da escravidão os ex-escravizados foram impedidos de exercer seu papel de cidadãos e muitos deles não aceitaram aquela situação que estavam vivendo. Diante disto, eles organizaram o Movimento Negro que estreou essa primeira fase. A segunda fase, pontua Domingues (2007, p. 107), foi de 1945 a 1964: “da Segunda República à ditadura militar”. Tendo sido bastante a desmantelado durante a ditadura de Getúlio Vargas, o Movimento Negro voltou em sua segunda fase depois do fim do autoritarismo de Vargas, mas não possuía mais as características de unificação do primeiro movimento.

A terceira fase, de acordo com Domingues (2007, p. 111), ocorreu de 1978 a 2000: do início do processo de redemocratização à República Nova”. Em 1964, com o golpe militar, a luta do povo negro foi ameaçada diante do cenário político desanimador em que se encontrava o Brasil. Assim no, final da década de 1970, houve a reestruturação política do país e o movimento voltou à ativa, porém, mesmo com a ditadura, os militantes do Movimento Negro não deixaram de fazer algumas atividades. E Beatriz Nascimento foi uma dessas militantes que participou

ativamente desse Movimento Negro contemporâneo a partir da década de 1970, conhecida como a terceira fase do movimento.

Vejamos alguns movimentos de que Beatriz Nascimento (2018, p. 30) participou ativamente. Participou “[...] de reuniões que aconteciam no Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA), abrigado na Universidade Candido Mendes (UCAM) em Ipanema, bairro nobre da Zona Sul”. O desempenho por parte da ativista nos movimentos negros era tão intenso que ela escrevia textos para revistas, como a Revista Cultura Vozes. Por meio de seu desempenho em um grupo, começou a participar de vários outros.

Segundo a própria autora (NASCIMENTO, 2018, p. 31), os grupos de que participou foram:

[...] o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), o Grupo de Trabalho André Rebouças (GTAR) e a Sociedade Internacional Brasil África (SINBA). O GTAR foi fundado por Beatriz e estudantes negros da UFF, que organizaram um grupo de estudos e a *“Semana de estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira.”* Evento iniciado em 1975 que trazia anualmente pesquisadores e especialistas que trabalhavam com questões raciais.

Ao estudar e pesquisar sobre a historiografia do quilombo, Beatriz se empenhava em mostrar a verdadeira história do negro, principalmente nos debates, seminários e encontros de que participava. A colonialidade, segundo ela, neutralizava a narrativa verídica do negro e o quilombo foi fundamental para desfazer uma falsa história que foi contada. Acerca disso, ela nos pontua (NASCIMENTO, 2016, p. 32): “As perspectivas recorrentes nos estudos históricos para caracterizar o movimento eram considerar os quilombos como junção de pessoas escravizadas, momento de rebelião e/ou fuga”. Por ter um conceito totalmente diferente, ela acreditava que, por meio do quilombo, o negro formava um sistema social alternativo, contrariando a narrativa dos colonizadores sobre o povo preto.

## 2 A LUTA DA MULHER NEGRA

Era prioridade de Beatriz Nascimento trazer para o contexto de seus estudos as histórias e lutas das negras, além das do quilombo, é claro. As intelectuais negras brasileiras e não brasileiras — tais como, as norte americanas Ângela Davis e bell hooks, e as intelectuais brasileiras Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e tantas outras, como a própria Beatriz Nascimento — foram mulheres que tiveram histórias de vida semelhantes, que podemos ver aflorar em seus relatos orais e escritos de vida pessoal, nos quais elas compartilham as suas dores, seus conflitos e problemas dos mais diversos.

A mulher negra sofre de racismo e sexismo. Além disso, no Brasil há o mito da democracia racial, segundo o qual se acredita que o país, por ser formado por várias etnias, não teria espaço para o racismo. O mito da democracia racial não aconteceu nos Estados Unidos, mas as negras norte-americanas passaram por outros problemas, tais como, o mito do matriarcado. E para exemplificar melhor, hooks (2019, p. 135) nos diz que:

Apesar do fato de mulheres negras serem vítimas da opressão sexista e racista, elas são, em geral, representadas como tendo recebido mais vantagens do que os homens negros ao longo da história estadunidense, um fato que não é possível provar com evidências históricas. O mito do matriarcado sugeriu que, mais uma vez, às mulheres negras foram garantidos privilégios negados a homens negros.

A mulher negra tem conquistado ao longo de muitos anos seu espaço na sociedade, por meio da luta por mais respeito e igualdade, porém ela ainda é a base da pirâmide em relação ao também homem negro. E o homem negro, por da mesma forma sofrer racismo, deveria apoiá-la, mas ele a considera como um ser inferior. Em hooks (2019, p. 133), vamos encontrar o seguinte esclarecimento: “Vários homens negros que não se sentiram, de jeito nenhum, pessoalmente emasculados absorveram a ideologia sexista e desprezavam mulheres negras assalariadas”. Isso se deve ao mito do matriarcado criado pelos

colonizadores estadunidense como forma de dominar e fazer haver conflitos entre a mulher e o homem negro.

Os intelectuais negros brasileiros e as intelectuais negras brasileiras, como Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro, são de fundamental importância pela causa do povo preto. E destacando as vozes das intelectuais, elas continuam ecoando nas conversas e debates dentro e fora das academias. São mulheres que contribuíram para uma sociedade mais consciente e justa para os brasileiros. A mineira Lélia de Almeida Gonzalez é um exemplo disso. Ela foi professora, escritora e é considerada um dos maiores nomes do movimento negro brasileiro, ficando conhecida no exterior por defender o povo negro e os direitos da mulher negra.

De acordo com Ratts (2010, p. 101-102):

A participação de Lélia em movimentos sociais e culturais certamente foi decisiva para a formação de sua identidade pessoal e também de seu pensamento. Do feminismo ela absorveu a produção teórica acerca das desigualdades entre homens e mulheres. Não se sabe ao certo quando Lélia se envolveu com o movimento feminista, nem quais foram as mulheres que a introduziram diretamente nele; porém tudo indica que, quando ingressou no movimento feminista nacional, ela já era conhecida por suas palestras sobre a mulher negra e por seus discursos intelectuais e pragmáticos.

Sendo feministas e ativistas, Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento foram mulheres que estiveram além do seu tempo. Muitas conquistas atuais se devem à luta dessas intelectuais. Elas defendiam tanto a causa dos movimentos negros que a vida pessoal estava em segundo plano e às vezes nem eram suas prioridades. Conforme Ratts (2010, p. 40): “Quando completou a segunda graduação, Lélia estava com 27 anos e ainda era solteira, o que fazia destoar das moças da época”. O combate ao racismo e sexismo para as negras também fazia parte da quebra de barreiras e padrões impostos à mulher.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Beatriz Nascimento não foi a primeira pessoa a estudar os quilombos no Brasil. Outros estudiosos, como Décio Freitas (1984) e Edison Carneiro (2011), já haviam feito isso. E cada pesquisador, escritor e historiador contribuiu com seu conceito sobre o estudo do quilombo. O ativista e quilombola e um dos mais atuais pesquisadores sobre os quilombos, Antônio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo (2015), em sua obra *Colonização, quilombos: modos e significados*, nos apresenta sua experiência na prática, enquanto um integrante de comunidade quilombola, que participa do dia a dia, das dificuldades do quilombo e das narrativas de lutas dos quilombolas.

Igualmente Maria Beatriz do Nascimento se considerava uma quilombola. Sua vida foi finalizada em janeiro de 1995; ela morreu por defender uma amiga que sofria violência doméstica do companheiro. Se estivesse viva, a luta por uma sociedade brasileira menos desigual seria pauta para seus discursos, principalmente pela mulher negra. Iremos conhecer alguns trabalhos de Nascimento na obra *Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidade nos dias de destruição* (2018), coletânea organizada e editada pela União dos Coletivos Pan-Africanistas (UCPA).

Na obra mencionada está grande parte de todo o trabalho de Beatriz, tais como, artigos, poesias, debates, palestras, além do relato de sua trajetória intelectual e pessoal. Ela foi vítima de feminicídio há mais de vinte anos — algo que ainda hoje acontece com milhares de mulheres. Calaram a voz de Beatriz, mas o seu legado e contribuição deve continuar para que outras pessoas saibam que a luta nunca deve morrer.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, W.V. *Palavras sobre uma historiadora transatlântica: estudo da trajetória intelectual de Maria Beatriz Nascimento*. Tese (doutorado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2016.

CARNEIRO, Edison. *O Quilombo dos Palmares*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, n. 23, p. 100-122, 2007.

FREITAS, Décio. *Palmares: a guerra dos escravos*. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

hooks, bell. *E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo*. Trad. Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição*. São Paulo: Diáspora Africana: Ed. Filhos da Terra, 2018.

RATTS, Alex; RIOS, Flávia. *Lélia Gonzalez*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos: modos e significados*. Brasília: Editor José Jorge de Carvalho, 2015.